

## **A Comunicação, a Explicação e a Compreensão: Ensaio de uma Epistemologia Compreensiva da Comunicação<sup>1</sup>**

Dimas Antônio KÜNSCH<sup>2</sup>  
**Faculdade Cásper Líbero**

### **Resumo**

Na esteira do que sugere Adorno, este ensaio quer ser visto mais como um “despropósito”. Livre da “coerção da identidade”, e “com a consciência da própria falibilidade e transitoriedade” como marcas de uma “intenção tateante”, propõe uma ruptura com o pensamento que diviniza o conceito, o rigor e a explicação, e o faz em consonância com o que Sodré, partindo igualmente da nega o da “ditadura lógica da razão enquanto domínio universal”, denomina “epistemologia compreensiva”. Terminando onde “acha que acabou e não onde nada mais resta a dizer” (Adorno), aposta numa atitude  tico-cognitiva compreensiva no campo dos estudos de Comunica o. Serve-se, para isso, de ideias como a do próprio ensaio, a da interdisciplinaridade, da doura ignorância, da pertinência e do diálogo, apoiando-se mais de uma vez em sugestões teóricas advindas do GT Epistemologia da Comunica o da Compós.

### **Palavras-chave**

Epistemologia da Comunica o; Teorias da Comunica o; Compreensão.

*Eu, porém, digo-te que a sabedoria grita nos mercados  
e o seu clamor anda pelas praças.*

Nicolau de Cusa, em *A sabedoria do Idiota*.

### **1. Parábola do elefante e dos cegos**

“Um elefante   como uma vasilha d’água”, disseram os cegos que haviam apalpado atentamente a cabeça do animal. “Ele mais se parece com uma enorme peneira”,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunica o do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunica o, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunica o.

<sup>2</sup> Professor e Coordenador do Programa de Pós-Gradua o em Comunica o da Faculdade Cásper Líbero, doutor em Ciências da Comunica o. E-mail: dimas.kunsch@gmail.com.

contestaram outros, depois de se ocupar com as orelhas. “Não, ele é como uma relha de arado.” “Não, não e não! Um elefante é como um enorme barril para se guardar coisas”, defenderam os que haviam cuidado de perceber as exatas dimensões da barriga.

“E, furiosos, brigaram entre si, com punhos, gritos e berros: ‘É com isto que um elefante se parece’. ‘Não, não é assim que o elefante é.’ ‘O elefante não tem nada a ver com isso.’ ‘É assim que o elefante é’”, concluíram os cegos em sua cegueira, como diz a parábola budista, que conclui como o ensinamento do Iluminado:

“É exatamente assim”, conclui a moral de Buda, que a congregação dos heréticos, monges, brâmanes e ascetas peregrinos, passivos da heresia, deleitando-se na heresia, apoiando-se em concepções heréticas, são cegos, sem olhos: não conhecem nem o bem nem o mal, não sabem o que é certo nem o que é errado, discutem e brigam, combatem e atacam-se uns aos outros com os punhais de suas línguas, dizendo, “isto é certo e isto é errado”, “isto é errado e isto é certo” (CAMPBELL, 1992, p. 19).

As imagens que a pequena estória evoca podem inspirar certo exagero, se aplicadas de forma irreverente ao entendimento daquilo que às vezes se deixa ver, talvez mais do que se imagina ou se deseja, no campo nosso de cada dia da Comunicação, com suas teorias antigas e novas, seus resultados de pesquisa, suas diferentes visadas epistemológicas.

Menos mal, se for assim. Enfim, nada mais alentador que obter de algum entendido, *sine ira et studio*, a garantia de que há realmente um tremendo exagero, mais, uma gigantesca injustiça em chamar de cegos e, não menos perversamente, de heréticos os estudiosos de Comunicação. Afinal de contas, poder-se-ia inclusive argumentar que uma dose de heresia, no sentido grego de *αἵρεσις*, “escolha”, “opção”, e também religioso – de que a parábola budista se utiliza, significando desvio da ortodoxia –, não costuma fazer mal a ninguém, em área de conhecimento alguma. Aliás, o próprio Adorno (1986, p. 187), ao defender com veemência o ensaio como modo de expressão do conhecimento, afirma que “a mais intrínseca lei formal do ensaio é a heresia”.

## **2. Teorias que (de fato) não se conversam**

Talvez não se deva negar abruptamente a força de expressão, *lato sensu*, dessas imagens – não pensadas literalmente, portanto –, nem desqualificar o que nelas pode nos levar a pensar melhor e ousadamente sobre o empenho dos principais protagonistas do campo da Comunicação em delinear, com alguma segurança maior, os contornos e limites de seu “elefante”, com o necessário debate de teorias, estudos e resultados de pesquisas.

Reconhecidamente, é possível admitir, negativamente, sem grandes concessões à insensatez epistemológica, a existência de uma inteligência que Morin (2000, 2001) chama simplesmente de “cega”. Uma inteligência, no sentido de saber, de que somos todos herdeiros e ao mesmo tempo seus produtores e reprodutores, tradicionalmente muito mais apta a analisar, recortar, definir, conceituar, enquadrar e explicar (o “elefante”), que a “tecer em conjunto” (sentido que Morin assume do latim *complexus*) e incluir, a abraçar os sentidos de um mundo que é “misturado”, no dizer de Riobaldo, personagem de *Grande sertão: veredas*. Nesse modelo de pensamento, regido pela análise e pela explicação, o *Erklären* assume o estatuto sangue-azul de suprema nobreza, empurrando para fora do palco os esforços humanos do *Verstehen*.<sup>3</sup>

De fato, se a posição teórica contrária a esta percepção, de recorte mais pessimista,<sup>4</sup> pudesse ser facilmente admitida, não estaríamos retomando hoje, por exemplo, com ênfase, o tema da interdisciplinaridade, que, para dizê-lo de forma drástica, tende em geral a significar a derrubada de muros e barreiras que disciplinas e áreas inteiras de conhecimento ergueram ao redor de si para manter afastados os “inimigos”, assumindo a forma espúria de verdadeiros latifúndios de conhecimento mutilado. Nesse mundo estranho ao estudo, à pesquisa e ao melhor da vocação científica, a ordem é dividir, separar, encaixotar, engavetar. Nele, a compreensão – no sentido original latino de *comprehendere*, que é o de incluir, integrar, somar – é flagrantemente derrotada. O diálogo, assustado, mantém-se à distância.

Retomando o tema da interdisciplinaridade, com tudo o que ele possui de promessa e em igual medida de desafios, observa-se como discussões que há décadas vêm nos incomodando, cansando até, tendo a partir de certo momento sido mantidas no limbo do esquecimento quase completo, são retomadas com afinco: o tempo e o assentamento de

---

<sup>3</sup> *Erklären* e *verstehen* (explicar e compreender, respectivamente) são objeto das preocupações de Wilhelm Dilthey (1833-1911) no contexto da discussão sobre as diferenças entre “Naturwissenschaften” e “Geisteswissenschaften”. O conceito de compreensão nas chamadas “ciências humanas”, no entanto, é particularmente associado à obra de Max Weber (1995a; 1995b). Movendo-se aparentemente na perspectiva da proposição metodológica de Dilthey, Weber trabalha na direção de pensar que o estabelecimento de relações “causais” ou “explicativas”, nas ditas “ciências naturais”, encontraria seu correlato na dimensão “compreensiva” das “ciências humanas”. Aqui, neste trabalho, o entendimento de “compreensão” vincula-se fundamentalmente ao pensamento da complexidade, de Edgar Morin, e à natureza da compreensão como um d”*Os sete saberes necessários à educação do futuro* (2000).

<sup>4</sup> A opção pelo signo da compreensão e a consequente fuga, até onde se imagina possível, do furor explicativo, como deverá ficar claro na sequência, deixa o caminho aberto, positivamente, para o reconhecimento compreensivo dos esforços coletivos de estudo e pesquisa em Comunicação. Discuto o verdadeiro pessimismo que costuma vigorar no campo da Comunicação em outro texto (KUNSCH, 2012a), brincando que se trata da “arte de carpir defunto vivo”. Aliás, pode-se considerar o pessimismo um subproduto do signo da explicação, isto é, da utopia delirante de que é preciso, *hic et nunc et ad aeternum*, dizer sempre a última palavra sobre tudo e sobre qualquer coisa, senão não vale.

poeira revelaram ser essas discussões não apenas necessárias, mas essenciais para o avanço da produção de conhecimentos e das práticas que neles se sustentam. A língua, diz o ditado popular, toca onde o dente dói. E a dor, como se mostra, é a da separação, da fragmentação, da não-dialogia entre conhecimentos e saberes dispersos, o mais das vezes, a rigor, blindados. É nesse sentido crítico, como reforça o Documento de Área das Ciências Sociais Aplicadas I,<sup>5</sup> que a interdisciplinaridade transformou-se num debate hoje de amplitude internacional, tendo adquirido recentemente no Brasil status de “política pública de educação”:

Pode-se afirmar que a interdisciplinaridade é uma abordagem epistemológica para superar a fragmentação imposta pela especialização, que orientou a implantação da universidade brasileira, a partir da década de setenta. Supõe diferentes modos de relação entre saberes, como também a redefinição constante de fronteiras entre campos. Nesse sentido, a abordagem interdisciplinar aponta para um conceito renovado de ciência em que estão presentes as imbricações entre ciência, política, economia, sociedade, cultura e arte.<sup>6</sup>

“Como nossa educação nos ensinou a separar, compartimentar, isolar e não a unir os conhecimentos, o conjunto deles constitui um quebra-cabeças ininteligível”, escreve Morin (2000, p. 42-43), para quem “a incapacidade de organizar o saber disperso e compartimentado conduz à atrofia da disposição mental natural de contextualizar e de globalizar”. Essa mentalidade, modelo ou, mais ambiciosamente, paradigma de conhecimento – não nos ocuparemos neste texto das distinções entre os termos –, que eleva o conhecimento científico à categoria de quintessência de todo saber, certeza e verdade, constituindo-se num autêntico feudalismo de ideias, não produz apenas cegueira cognitiva. Também, como deve ter ficado claro já na breve exposição sobre o tema da interdisciplinaridade, reduz o potencial comunicativo entre estudiosos, pesquisadores, professores e demais atores do campo da Comunicação. A ternura, para a qual Restrepo (1998) reivindica o estatuto de uma verdadeira *episteme*, segue sendo aplastada pelo jogo infeliz do certo e do errado, do vencedor e do vencido, de perde-e-ganha, uma vez que nosso modelo de conhecimento, ainda segundo Restrepo, reveste-se de uma natureza predominantemente violenta, “guerreira”.

---

<sup>5</sup>Disponível em [www.capes.gov.br](http://www.capes.gov.br). Acessado em 16/02/2014.

<sup>6</sup> O trecho deixa clara uma visão compreensiva da interdisciplinaridade, apontando na direção, necessária e fundamental, do diálogo entre disciplinas e áreas de conhecimento e de saber, sem renunciar ao esforço de “redefinição constante de fronteiras entre campos”. Pode-se supor, no espírito do texto, que por “redefinição de fronteiras” não se entenda de modo algum o erguimento de muros e barreiras que, enfim, apenas contribuiriam para consolidar a indesejável fragmentação, a não-dialogia.

Em resumo, e paradoxalmente, admitida como possível essa linha de raciocínio, conversa-se pouco porque se conversa mal, na Comunicação, sobre as coisas que de fato contam para o campo – e isso não advém, em primeiro lugar, do fato real de que os tempos se aceleram e a correria é insana, por causa das coisas todas que conhecemos. A defesa em maior ou menor grau intransigente de feudos intelectuais vem associada ao desprezo, possivelmente velado, pela voz alheia, ou à simples má vontade auditiva, impedindo com isso a tessitura de sentidos em ambientes discursivos de matriz dialógica, compreensiva, que junta, integra, propõe sínteses, abre para novas questões, envolve, abraça o antigo e o novo, a luz do meio-dia e o lusco-fusco do alvorecer, os silêncios da noite e o canto alegre dos pássaros saudando a aurora. Impede, numa dimensão sempre difícil de avaliar, que essa diversidade de sentidos, visões e pontos de vista se torne parte integrante de toda busca individual e coletiva de conhecimento, incluindo, nessa busca tantas vezes sofrível, o erro, as inseguranças, as incertezas e os devaneios, as idas e vindas, as cavernas ocultas tanto quanto a volta não garantida do herói com o elixir da bem-aventurança.

A não-dialogia, a solidariedade indigente, o vício explicativo e a eterna esperança de se dizer a última palavra sobre tudo, nas ruas da vida tanto como nos corredores e salas da academia, conduz facilmente àquela atitude negativa de que se falava antes: é como se sofrêssemos de uma doença incurável, que nos tornasse incapazes de nos reconhecermos como campo de conhecimento e de identificarmos as reais questões que nos acoçam, desafiam e animam, nossa produção científica, nossas teorias, nossos programas de pós-graduação em número crescente, nossos mestres e doutores, nossa tradição, nossa memória. A fragmentação de saberes, a infeliz ideia que “equipara conhecimento à ciência organizada” (ADORNO, 1986, p. 167) e o complexo, no sentido junguiano do termo,<sup>7</sup> de certeza e verdade, leva facilmente à tristeza e desânimo epistemológico, um nada saudável sentimento depressivo, que, em outro lugar, chamei ironicamente de “espírito de carpideiras” (KUNSCH, 2012a).

Um dos pressupostos fundamentais para a conformação de um campo de conhecimento, relembra o pesquisador Luiz Claudio Martino, da UNB (2008), é que as teorias a ele associadas conversem entre si. Não parece ser esse o caso na Comunicação. Em pesquisas que realizou já há alguns anos, comparando obras de teorias da Comunicação

---

<sup>7</sup> “Um complexo é uma reunião de imagens e ideias, conglomeradas em torno de um núcleo derivado de um ou mais arquétipos, e caracterizadas por uma tonalidade emocional comum. Quando entram em ação (tornam-se ‘constelados’), os complexos contribuem para o comportamento e são marcados pelo afeto, quer uma pessoa esteja ou não consciente deles. São particularmente úteis na análise de sintomas neuróticos”, segundo o *Dicionário Crítico de Análise Junguiana* (SAMUELS, 2003).

utilizadas em cursos de Comunicação, chegou à desanimadora conclusão de que os próprios livros de teorias da Comunicação não sabem direito o que de fato merece esse título. No caso das obras em espanhol (2009), nenhuma teoria é comum às nove obras analisadas, e “quase 2/3 das teorias apresentadas não têm correspondência entre os pares (aparecem apenas em uma obra)” (Martino, L.C., 2007, p. 21).

“Em última instância”, conclui Martino (2007, p. 21-22), “o que estes dados nos mostram é que não temos uma ideia muito precisa do que é teoria da comunicação”. Pura generosidade do autor: em última instância, a bem da verdade, dever-se-ia dizer que não há “precisão” alguma. Porém, para além dessa constatação, como se vem tentando aqui de algum modo mostrar, mais que demonstrar, há um modelo bem conhecido e robusto de pensamento por detrás da cobrança de precisão, uma cobrança que pode, aliás, ser considerada equivalente à exigência de clareza, rigor e verdade na definição do que seja teoria da Comunicação. Muito mais que conversa e diálogo, o que nesse modelo de pensamento se demanda, no campo da Comunicação, é algo próximo àquilo que Descartes imaginava ser a certeza que nasce da evidência. Aí, é até possível brincar de contar teorias e achar que existem poucas (Charles R. Berger), ou que existem teorias demais (Robert T. Craig). Ou, ainda, ironicamente, se perguntar previamente: “Existem teorias da Comunicação?” (Martino, L.C., 2007).<sup>8</sup>

### **3. Inclusão, exclusão e compreensão**

Não há, porém, por que sermos ingratos com o modelo epistemológico de matriz fortemente não compreensiva do qual somos todos, e há bastante tempo – como herdeiros do que se convencionou chamar de pensamento moderno –, tanto coprodutores quanto, muito provavelmente, também vítimas. Porque, se se atenta bem para o significado mais autêntico desta meio proposta meio aposta, em construção no presente ensaio e em outros textos semelhantes, não é difícil entender que, em suma, não se está pleiteando o descarte de nossa, nem absolutamente excelente nem tampouco horrorosa, tradição de estudos em Comunicação. Pelo contrário. Fazê-lo seria incorrer, simplesmente, no ingênuo erro da incompreensão, da arrogância e do dogmatismo epistemológico. Seria como dar vazão à vontade de se comprar com a moeda do certo e do errado, exatamente, aquilo que se está

---

<sup>8</sup> Por seu turno, Luís Mauro Sá Martino, docente da Cáspes Líbero, desenvolve um estudo das intersecções institucionais e epistemológicas na formação das teorias da Comunicação (cf. Martino, L. M., 2012a; 2013). Seu exame do discurso teórico vem indicando um considerável grau de dispersão epistemológica no que diz respeito à constituição das teorias, amparado nas materialidades discursivas, seja no exame de livros-texto de teorias da Comunicação (Martino, L. M., 2008; 2010) como nos programas de ensino da disciplina (2012b).

desdenhando por encontrar-se assentado, como se está enfim afirmando, tão solidamente, sobre a plataforma desse modelo reducionista.

Uma epistemologia compreensiva não se pauta pela noção de certo e de errado como pares de opostos ou como pontos finais e excludentes de uma suposta linha que leva do erro, numa ponta, à verdade, na outra. Tem em alta conta a proposição antiga da *coincidentia oppositorum*, uma noção preciosa a Nicolau de Cusa (1401-1464), que já aparece, entretanto, nos pré-socráticos, nomeadamente em Heráclito de Éfeso (535-475 a.C.), um dos pais do pensamento dialético. Heráclito era contemporâneo de Parmênides (540-470 a.C.), “o da ontologia”, o qual se concentra, como sabemos, “nas luzes da razão a garantir a densidade e firmeza dos conceitos inteligíveis eternos”. Um personagem não exclui o outro:

[O eleata Parmênides] não desautoriza o pensamento do jônico Heráclito [...], que direciona o foco de suas reflexões para o movimento, a mudança, o sensível e, por fim, a complementaridade dos opostos. [...] Fértil, o *logos* filosófico sobre cujas bases se constrói o pensamento de Heráclito não avassala nem torna irrelevante o *logos* filosófico de que tão bem se utiliza o seu parceiro, como se deve supor, no mesmo, ingente e multiforme “amor à sabedoria” = filosofia. Enquanto aquele pensa o devir, este pensa o que permanece, com sua mais que legítima preocupação frente à possibilidade, real, de que um conhecimento erigido sobre as bases incertas e flexíveis dos sentidos resulte em pura *doxa*, opinião (KUNSCH, 2008, p. 183-184).

O pensamento compreensivo não se arrisca a assumir superficialmente a síntese em oposição à análise, o todo contra as partes, o geral contra o particular e vice-versa. Incluir e abraçar sentidos, tendo a incerteza como princípio motivador da perene busca: eis aí um projeto que clama por vigor, mais que por rigor. O pensamento compreensivo tem em alta consideração a palavra do poeta, quando ele diz que “traduzir uma parte na outra parte” é uma “questão de vida e morte”, assim como leva igualmente a sério, sem fechar uma resposta, a pergunta desse mesmo poeta, se é ou não arte saber fazer essa tradução.<sup>9</sup>

O pensamento compreensivo, de novo, convoca para a conversa e o diálogo de conhecimentos, saberes, disciplinas e teorias entre si e no seio de cada campo de conhecimento, ainda que, por múltiplas razões, que aqui não é o caso de se tentar aprofundar, não haja garantia alguma de sucesso. Acredita poder apostar em algo maior que o simples “debate de posições”, uma prática esta que lembra muitas vezes o que ocorre na parábola budista quando os cegos passam a querer explicar o que é para eles um elefante.

---

<sup>9</sup> Ferreira Goulart, no poema “Traduzir-se”.

Insistamos, como Pascal, na aposta: apostar na possibilidade da compreensão pode nos trazer mais vantagens que desistir de acreditar nela (cf. SANTOS, 2008, p.34). Também as ciências modernas, tanto as da natureza quanto em sua cola as do espírito, apostaram, por pelo menos quatro séculos inteiros. Acreditaram, em vão, poder “atingir toda a verdade”, ainda que tendo, para isso, que “arrebentar a porta, derrubar a porta”, para chegar “ao lugar luminoso onde a verdade esplendia seus fogos” e constatar que a verdade “era dividida em metades, diferentes uma da outra”,<sup>10</sup> constituindo-se, como resultado, naquilo que Santos (2008, p. 15), inspirado em Ortega y Gasset, designa como “pensamento ortopédico”.

A insistência em ousar pôr os saberes, as disciplinas e as teorias para se conversarem não ignora que, no fundo, todas elas de fato e em alguma medida se conversam, ainda que possam não assumi-lo conscientemente, tendo-se em conta o que Bakhtin proclama como a intertextualidade e a dialogia inerentes a todo discurso. A não-ignorância dessa realidade, porém, não deixa de levar igualmente em conta o poder dialogicamente corrosivo da monofonia e do discurso autoritário, “aquele em que se abafam as vozes dos percursos em conflito, em que se perde a ambiguidade das múltiplas posições, em que o discurso se cristaliza e se faz discurso da verdade única, absoluta, incontestável” (BARROS, 1994, p.6).

#### **4. Da supremacia do signo da explicação**

Um dos pontos frágeis e perigosos do modelo fundado nas ideias cartesianas de verdade e certeza<sup>11</sup>, e na convicção de que a ciência positiva ocupa isoladamente o lugar de uma verdadeira divindade no panteão do conhecimento, pode ser expresso através daquilo que Adorno (1986), em sua defesa do ensaio, entende como “a regra do jogo da ciência e da teoria organizadas, segundo as quais, como diz Spinoza, a ordem das coisas seria a mesma que a das ideias”. Nesse cenário, “a ordem sem lacunas do conceito”, de que também fala

---

<sup>10</sup> Carlos Drummond de Andrade, no poema “A verdade”.

<sup>11</sup> É adequado lembrar que a defesa do “cogito”, da razão, da evidência e da certeza, por parte de René Descartes, vem acompanhada de observações que destoam bastante do arcabouço racionalista dele, com uma boa porção de viés, herdado pela cultura científica e filosófica moderna. A identificação entre evidência-verdade, por exemplo, traz consigo a constatação de que não é tão fácil assim “distinguir bem” quais são as coisas “que concebemos mui clara e distintamente” (Descartes, 1996, p. 38). O Descartes não cartesiano se sente à vontade para dizer que não pretende ensinar nada a ninguém ao falar de seu método. Quer apenas mostrar o caminho que fez, para que cada um saiba que deve escolher o método que deve seguir “para bem conduzir sua razão” A história que ele, Descartes, conta, é não muito mais que isso, uma “história”, quiçá uma “fábula” (DESCARTES, 1996, p. 7). O Descartes sério, sisudo, um racionalista convicto – não humano, até – da tradição do pensamento moderno provavelmente esteja longe de ser tudo isso. Melhor chamá-lo talvez pelo nome latino de Renatus Cartesius, “para demarcar a diferença entre o homem e o que o homem fez do homem” (KUNSCH, 2008, p. 179).



Adorno, assume uma importância ímpar, absoluta. A epistemologia abre alas à ontologia, e o signo da explicação domina. Porque a inversão dos termos se dá de modo, poderíamos até dizer, quase automático: confunde-se mapa com território. O mapa vira território. A coisa vira o mesmo que o discurso sobre si mesma. “O engodo de que a *ordo idearum* [ordem das ideias] seria a *ordo rerum* [ordem das coisas] funda-se na suposição de que algo mediado seja não-mediado” (ADORNO, 1986, p. 174). A abstração avança, outorgando-se ao pensamento altamente conceitual “uma dignidade maior”, “um conteúdo metafísico” (ADORNO, 1986, p. 175). A verdade aparece nesse modelo “como algo ‘pronto’, como um jogo hierárquico de conceitos” (ADORNO, 1986 p. 182).

É relativamente simples constatar como esse modelo, privilegiando a explicação erigida sobre a falsa percepção de que a *ordo idearum* corresponda à *ordo rerum*, complica enormemente, até impede, a pretensão de se realizar uma aposta no diálogo. No fundo e no raso, ele aproxima as práticas cognitivas originárias do universo encantado da ciência a algo em maior ou menor escala semelhante ao que a parábola budista contada no início deste texto sugere: “E, furiosos, brigaram entre si, com punhos, gritos e berros” (CAMPBELL, 1992, p. 19). “Herdeiros de Alexandre”, mais uma vez, cultivamos um “espírito guerreiro” na “conquista” do conhecimento, avassalando povos e territórios conquistados (RESTREPO, 1998).<sup>12</sup> Acaba que a ordem das diferenças, no campo instável e em contínuo movimento dos saberes, se transforma na hierarquia dos desiguais. Afinal, seguindo essa (i)lógica, o pretense domínio da verdade não tem de fato por que se entender com um discurso outro, que provavelmente também se julga investido do dom inefável de possuir a verdade, toda a verdade, só a verdade, ainda que sobre quase nada, sob o efeito da fragmentação galopante. Conversar, então, para quê?

Nesse modo de ver as coisas, o saber se transforma em sinônimo de conhecimento científico, de acordo com a arrogante pretensão de que tudo possa e deva se transformar em conhecimento científico, passando a ser de algum modo descartado, menosprezado, tudo – e não é pouco – quanto se mostra incapaz de ser reduzido à Ciência com caixa alta.<sup>13</sup> Para usar uma metáfora, as vírgulas, reticências e, sobretudo, interrogações perdem espaço nessas formações discursivas. Os conceitos e definições imperam, conformando um modo

---

<sup>12</sup> “Desde as precoces experiências da escola, adentra-se a criança num saber de guerra, que pretende uma neutralidade sem emoções, para que adquira sobre o objeto de conhecimento um domínio absoluto, igual ao que pretendem obter os generais que se apossam das populações inimigas sob a divisa da terra arrasada” (RESTREPO, 1998, p. 14).

<sup>13</sup> A alusão é aqui direta àquilo que Santos chama “pensamento ortopédico”. “[...] a ciência passou a responder exclusivamente aos problemas postos por ela. A vastidão dos problemas existenciais que lhes subjaziam desapareceu” (SANTOS, 2008, p. 15).

de se entender o mundo fundado no uso indiscriminado de pontos finais. A *res cogitans* cartesiana obtém estatuto pleno de cidadania, melhor, transforma-se em *rex*, rei. A ideia galileiana, de que tudo deva ser matematicamente pesado, medido, empírica e exatamente tratado e retratado – uma ideia que, no século seguinte, com Descartes (1596-1650), seria traduzida na proposição filosófica de que só é verdadeiro o que é evidente –, produz ou corre o forte risco de produzir um discurso que Santos (1989, p. 35) chama de “desencantado, triste e sem imaginação”, pretendendo-se “rigoroso, antiliterário, sem imagens nem metáforas, analogias ou outras figuras de linguagem”.

### **5. Inspirações para uma epistemologia compreensiva**

Em texto apresentado ao GT Epistemologia da Comunicação, da Compós, em 2010, intitulado “Do conceito de um Deus perfeito e único a teorias que não dialogam: comunicação, epistemologia e compreensão” (KUNSCH, 2012), enumero umas poucas “notas finais para um pensamento compreensivo”, “a título de observações provisoriamente finais, como hipóteses de trabalho”. Trata-se, na verdade, de um conjunto de ideias que propunham uma ruptura com o que, lá como aqui, está se chamando de “divinização do conceito”, ou de “dogmatização da verdade, o que Lopes (2007), em outro contexto, enxerga como o risco de confusão entre disciplina e doutrina”. Eram “sugestões para um pensamento epistemológico que, responsável, com certificado de idoneidade científica e ética, se move, um pouco por toda parte, no território da complexidade e da compreensão (...), da conversação, da democracia cognitiva” (KUNSCH, 2012, p. 101). O texto, se consultado, merece ser lido junto com os comentários críticos que recebeu de José Luiz Braga, em “Para uma epistemologia do diálogo”, publicado na mesma obra (BRAGA, 2012).

Eram quatro as sugestões, que retomo brevemente, às quais acrescento outras três, “com a consciência da própria falibilidade e transitoriedade”, marcas de uma “intenção tateante” (ADORNO, 1996, p. 180), própria do ensaio. Essas “inspirações” têm sido trabalhadas há alguns anos pelo grupo de pesquisa “Comunicação, Jornalismo e Epistemologia da Compreensão” e pelo projeto “Conversando a gente se entende”, sob a responsabilidade deste autor, no contexto do Programa de Pós-Graduação, Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero.<sup>14</sup> Vamos a elas:

---

<sup>14</sup> Ver a descrição do grupo e do projeto em [www.casperlibero.edu.br/mestrado](http://www.casperlibero.edu.br/mestrado). Acessado em 17/02/2014. Luís Mauro Martino se ocupa com a fundamentação teórica do projeto em “‘Conversando a gente se entende’: a comunicação na resolução de conflitos” (2012c).

a) *Nobreza do ensaio*: um trabalho de Irene Machado, apresentado ao GT Epistemologia da Comunicação da Compós (MACHADO, 2008), servia como principal referência na defesa, feita por este autor, do ensaio no interior de uma epistemologia da compreensão, não, como ela dizia, no sentido de “eliminar nem substituir procedimentos, mas de configurar a dimensão dialógica, sem a qual nenhuma linguagem tem sentido” (MACHADO, 2008, p. 6). A proposição aguerrida do ensaio por parte de Adorno (1996), com suas virtualidades e limites (há bons e maus ensaios, por certo), é assumida no presente trabalho, tendo por base outro texto, que trata com maior profundidade desse tema, “Comunicação e pensamento compreensivo: o ensaio como forma de expressão do conhecimento científico” (KUNSCH; CARRARO, 2012), apresentado ao GP Teorias da Comunicação, da Intercom. Nele, estabelece-se um diálogo crítico com Wilson Gomes, que escreveu, há mais de dez anos, sobre “O estranho caso de certos discursos epistemológicos que visitam a área de Comunicação” (GOMES, 2003), um texto nesta altura já bem conhecido pelos pares.

b) *Pensamento inter-, trans-, multidisciplinar*: uma das principais referências teóricas utilizadas era de novo um trabalho apresentado ao GT Epistemologia da Comunicação, por Immacolata Lopes, no ano anterior (2007). Para a autora, a inter-, melhor, “a transdisciplinaridade não busca manipular o que acontece no interior da disciplina, mas o que sucede quando ela se abre, ou melhor, quebra”. Essa quebra e abertura das disciplinas “também as transborda pelo estabelecimento de relações cada vez mais densas, não somente entre ciências humanas e sociais, mas das ciências com as artes, com a literatura, com a experiência comum, com a intuição, com a imaginação social” (LOPES, 2007, p. 15-16).

É aqui, no confronto com a fértil e desafiadora noção de complexidade, muito mais que em conversa com a linha metodológica adotada por Dilthey e Weber, apontada antes, que uma epistemologia da compreensão se insere, em diálogo direto com a inter-, trans- ou multidisciplinaridade. As relações, “cada vez mais densas” – compreensivas –, a que se refere a autora, avançam para além das disciplinas, com o intuito de trazer para a roda de conversas os diferentes saberes, as artes, a experiência comum, o que, afinal, a nossa tradição científica dominante não foi até hoje capaz de fazer. Como assinalado antes, a interdisciplinaridade volta a assumir um lugar central nas políticas públicas brasileiras de educação e, também, de pesquisa. Quem acompanha as reuniões do Conselho da Compós e

a avaliação dos Programas de Pós-Graduação pela Capes, talvez melhor que outros, sabe bem disso.

c) *Objeto em movimento*: a “radical indeterminação” do objeto de estudo da Comunicação leva a autora de mais um trabalho apresentado a esse mesmo GT, Lucrécia Ferrara, a sugerir, compreensivamente, menos certezas e mais indagações no campo da Comunicação, e a se perguntar sobre a possibilidade de se “pensar em uma epistemologia em constante revisão e atualização de seus paradigmas” (FERRARA, 2008, p. 40).

d) *Diferenciar sem opor*: trabalha-se com a noção de *coincidentia oppositorum*, da complementaridade de opostos, no seguimento das ideias de Heráclito e de outros autores, contemporâneos: “O pensamento construído sobre a base de certezas científicas e epistemológicas (...), além de não dialógico, não democrático, não compreensivo, traz em si, sim, algo ou muito daquela violência a que se refere Maffesoli (2009), e que Sodré (2006) chama de ‘ditadura’” (KUNSCH, 2012, p. 103).

e) *Pertinência do conhecimento*: um trabalho apresentado ao GT em 2012, por Carlos Alberto Carvalho e Leandro Lage, se propõe a “pensar a pertinência como noção balizadora das pesquisas em comunicação” (CARVALHO; LAGE, 2012, p. 1). A proposta de ruptura com o positivismo duro e com o conceito, também duro, de certeza se faz acompanhar do convite a trabalhar sob a perspectiva do “rigor da indisciplina”, de modo, inclusive, a reconhecer, compreensivamente, “a riqueza e diversidade das pesquisas comunicacionais”, como adiantam os autores já no resumo.

Argumento nessa mesma direção em “Mais interrogações e vírgulas, menos pontos finais: pensamento compreensivo e comunicação” (KUNSCH, 2009), com o auxílio valioso daquilo que Morin (2000, p. 35-46) denomina “Os princípios do conhecimento pertinente”, entre os quais se encontram as noções de contextualização de todo conhecimento, da multidimensionalidade, da complexidade e da “inteligência geral”, entre outras. É fácil perceber as vinculações do “conhecimento pertinente”, que o autor situa entre *Os sete saberes necessários à educação do futuro* (MORIN, 2000), com os demais saberes: as cegueiras do conhecimento, ensinar a condição humana, ensinar a identidade terrena, enfrentar as incertezas e ensinar a compreensão.

f) *Douta ignorância*: a “inesgotável diversidade do mundo”, propõe Santos, a partir do pensamento de Nicolau de Cusa, abre espaço para “uma reflexão centrada na ideia do saber do não saber. O importante não é saber, e, sim, saber que se ignora” (SANTOS, 2008, p. 25). “Com efeito”, diz Nicolau de Cusa, “nenhum outro saber mais perfeito pode advir ao

homem, mesmo ao mais estudioso, do que descobrir-se sumamente douto na sua ignorância, que lhe é própria, e será tanto mais douto quanto mais ignorante se souber” (apud SANTOS, 2008, p. 25). O autor português observa que Nicolau de Cusa, filósofo e teólogo, acaba antecipando, em cinco séculos, o princípio da incerteza de Heisenberg, que, como apontado no parágrafo anterior, constitui para Morin um dos saberes necessários à educação do futuro. A humildade que a noção de douta ignorância inspira, complementa Santos (2008, p. 26), “não significa negatividade ou cepticismo”: “O facto de não ser possível atingir a verdade com precisão não nos dispensa de a buscar. Ao contrário, o que está para além dos limites (a verdade) comanda o que é possível e exigível dentro dos limites (a veracidade, enquanto busca da verdade)” (SANTOS, 2008, p. 26).

g) *Aposta de Pascal*: sugestão, proposta e aposta foram termos usados com abundância ao longo deste ensaio, que não se envergonha de assumir sua verdadeira “intenção tateante”, como propõe Adorno. A ideia de aposta, que nos vem de Pascal (1623-1662), foi também evocada toda vez que se tentou deixar claro que a compreensão, a conversa e o diálogo não oferecem, por si mesmos, qualquer garantia de sucesso<sup>15</sup> – razão pela qual, justamente, se está pleiteando a atitude da aposta. “Apesar de não podermos racionalmente determinar que Deus existe”, afirma Pascal, nas palavras de Santos (2008, p. 34), “podemos pelo menos encontrar um meio racional de determinar que apostar na sua existência nos traz mais vantagens do que acreditar na sua não-existência”. A aposta, conclui Santos, “envolve um risco certo e finito de ganhar ou perder e a possibilidade de obter um ganho infinito”.

Está se referindo, não parece haver dúvida, ao conhecimento do divino a que Pascal aspirava. Em nosso caso, encerrando por aqui este ensaio, “não porque não haja nada mais a ser dito” (Adorno), basta talvez acreditar que há mais ganhos humanos, cognitivos e práticos, em se apostar em uma epistemologia da compreensão que em não se fazê-lo. Tanto no campo da Comunicação, que foi o tempo todo o foco da discussão neste texto, como em outros campos de saber e de conhecimento, onde estudiosos, pesquisadores e curiosos possam estar tentando entender o que um elefante é.

### Referências bibliográficas

ADORNO, T. W. O ensaio como forma. In: COHN, Gabriel (Org.). **Theodor W. Adorno**. São Paulo: Ática, 1986, p.167-187.

---

<sup>15</sup> Remeto mais uma vez ao texto de Braga, “Para uma epistemologia do diálogo”, que levanta a discussão sobre o fato de que “não há valores automáticos na conversação” (2012, p.109).

- BARROS, D. L. P. Dialogia, polifonia e enunciação. In: BARROS, D. L.P. e FIORIN, J. L. (Orgs.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin**. São Paulo: Edusp, 1994, p. 1-9.
- BRAGA, J. L. Para uma epistemologia do diálogo. In: BUITONI, D.S. e CHIACHIRI, R. (Orgs.). **Comunicação, cultura de rede e jornalismo**. São Paulo: Almedina, 2012, p. 107-111.
- CAMPBELL, J. **As máscaras de Deus: mitologia primitiva**. 8ª ed. São Paulo: Palas Athena, 2010.
- CARVALHO, C. A. de e LAGE, L. Pela adoção da pertinência em pesquisas comunicacionais. Trabalho apresentado ao GT Epistemologia da Comunicação durante o XXI Encontro da Compós, Juiz de Fora, jun. 2012.
- FERRARA, L. D'Alessio. Radical indeterminação: epistemologia e objeto científico da comunicação. Trabalho apresentado ao GT Epistemologia da Comunicação durante o XVII Encontro da Compós, São Paulo, jun. 2008.
- GOMES, W. O estranho caso de certos discursos epistemológicos que visitam a área de Comunicação. In: LOPES, M. I. V. de (Org.). **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003, p. 314-329.
- KUNSCH, D. A. Mais interrogações e vírgulas, menos pontos finais: pensamento compreensivo e comunicação. **Líbero**, v. 12, n. 24, 2009, p. 41-50.
- KUNSCH, D. A. e CARRARO, R. Comunicação e pensamento compreensivo: o ensaio como forma de expressão do pensamento científico. **Líbero**, v. 15, n. 29, jun. 2012, p. 33-42.
- KUNSCH, D. A. Do conceito de um Deus perfeito e único a teorias que não dialogam: comunicação, epistemologia e compreensão. In: BUITONI, D. S. e CHIACHIRI, R. (Orgs.). **Comunicação, cultura de rede e jornalismo**. São Paulo: Almedina, 2012, p. 91-105.
- KUNSCH, D. A. A comunicação e suas teorias: pensar com, ou de como pensar compreensivamente. In: GOTTLIEB, L.(Org.). **Comunicação em cena vol. I**. São Paulo, Scortecci, 2012a, p. 205-221.
- KUNSCH, D. A. e BARROS, L. M. de (Orgs.). **Comunicação: saber, arte ou ciência? Questões de teoria e epistemologia**. São Paulo: Plêiade, 2008.
- KUNSCH, D. A. Teoria compreensiva da Comunicação. In: KUNSCH, D. A. e BARROS, L. M. de (Orgs.). **Comunicação: saber, arte ou ciência? Questões de teoria e epistemologia**. São Paulo: Plêiade, 2008, p. 173-195.
- LOPES, M. I. V. de. Comunicação, disciplinaridade e pensamento complexo. Trabalho apresentado ao GT Epistemologia da Comunicação durante o XVI Encontro da Compós. Curitiba, jun. 2007.
- MACHADO, I. Controvérsias sobre a cientificidade da linguagem. Trabalho apresentado ao GT Epistemologia da Comunicação durante o XVII Encontro da Compós, São Paulo, jun. 2008.
- MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum: introdução a uma sociologia compreensiva**. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- MAFFESOLI, Michel. **A república dos bons sentimentos**. São Paulo: Iluminuras/Itaú Cultural, 2009.
- MARTINO, L. M. S. A disciplina interdisciplinar. **Logos (Impresso)**, v. 19, 2012a, p. 17-28.
- MARTINO, L. M. S. A disciplinarização da epistemologia na(s) teoria(s) da comunicação. **In Texto (Online)**, v. 29, 2013, p. 1-17.
- MARTINO, L. M. S. A ilusão teórica no campo da comunicação. **Revista Famecos**, v. 36, 2008, p. 120-130.
- MARTINO, L. M. S. O diálogo entre fatores políticos e epistemológicos na formação do campo da Comunicação no Brasil. **Folios**, v. 28, 2012b, p. 159-175.
- MARTINO, L.M. S.. “Conversando a gente se entende”: a comunicação na resolução de conflitos. . In: BUITONI, D. S. e CHIACHIRI, R. (Orgs.). **Comunicação, cultura de rede e jornalismo**. São Paulo: Almedina, 2012c, p. 113-125.
- MARTINO, L. M. S. Quatro ambivalências na teoria da comunicação. **Rumores**, v. 8, 2010, p. 203.
- MARTINO, L. C. O campo da comunicação e suas teorias. In: KUNSCH, D. A. e BARROS, L. M. de (Orgs.). **Comunicação: saber, arte ou ciência? Questões de teoria e epistemologia**. São Paulo: Plêiade, 2008, p. 13-33.
- MARTINO, Luiz C. O saber epistemológico sobre a comunicação. KUNSCH, D. A. e BARROS, L. M. de (Orgs.). **Comunicação: saber, arte ou ciência? Questões de teoria e epistemologia**. São Paulo: Plêiade, 2008, p. 69-92.

- MARTINO, L. C. **Teorias da Comunicação: muitas ou poucas?** Cotia: Ateliê Editorial, 2007.
- MARTINO, L. C. Teorias da comunicação: o estado-da-arte no universo de língua espanhola. In: GALINDO, J. A. G.; LOPES, M. I. V. de; BALANZA, M. T. V. (Orgs.). **Construir la sociedad de la comunicación**. Madrid: Editorial Tecnos, 2009, p. 38-54.
- MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Russel, 2001.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2ª. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2000.
- MORIN, E. **Sociologia: a sociologia do microssocial ao macroplanetário**. Lisboa: Europa-América, 1984.
- RESTREPO, L. C.. **O direito à ternura**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- SAMUELS, A. **Dicionário crítico de análise junguiana**. Versão eletrônica. Rio de Janeiro: Rubedo, 2003. Disponível em: <http://www.rubedo.psc.br/dicjung/abertura.htm>. Acessado em 16/02/2014.
- SANTOS, B. de S. A filosofia à venda, a douta ignorância e a aposta de Pascal. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 80, mar. 2008, p. 11-43.
- SANTOS, B. de S. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- WEBER, M. **Economia e sociedade**. Brasília: Ed. UnB, 1995a.
- WEBER, M. **Metodologia das ciências sociais**. Vol. 2. São Paulo/Campinas: Cortez/Unicamp, 1995b.